

MOEDAS DE ANGOLA E SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

ERROS E DÚVIDAS

PELO DR. ALEXANDRINO PASSOS

Como as primeiras emissões de moedas para Angola se limitaram, pode dizer-se, a três reinados e com poucos valores e datas, somente em prata e cobre, e as de S. Tomé e Príncipe a um só reinado, ainda com menos valores e datas e só em cobre, criou-se-me o desejo de fazer o seu coleccionamento, na esperança de o conseguir completo.

Conquanto a aparecida obra do insigne numismógrafo Dr. Pinto Garcia «Descrição das Moedas de Angola e S. Tomé e Príncipe» me tivesse revelado a existência de datas de que até então não tinha notícia através dos catálogos de algumas colecções particulares e outros, de leilões realizados no país e estrangeiro, redobrou o meu afincó à ideia e a ela me dediquei com entusiasmo que depressa se acalmou perante as dificuldades surgidas.

A primeira, que constituiu verdadeira desilusão, foi ocasionada pelo Eng.º Raul Couvreur, quando, no casual encontro que tivemos num dos leilões de moedas de Soares & Mendonça, em 1946, me disse, em resposta a uma minha pergunta, só conhecer a série de macutas de D. Miguel na sua colecção. Sem alusão nenhuma à data, fiquei na convicção que era a de 1833, citada na obra do Dr. Pinto Garcia.

Seguiu-se, depois, a causada pela exposição de numismática, que a firma Almeida, Basto & Piombino & C.ª realizou, em Abril de 1948 no Secretariado Nacional de Informação, duma notável colecção de moedas de Angola e onde notei a completa ausência das datas de que continuava sem notícias.

Posteriormente, numa das minhas várias visitas ao nosso Museu Numismático, tive a surpresa de não ver nele nenhuma das datas de cuja existência eu procurava a confirmação e, maior ainda, a de ver exposta a série das macutas de D. Miguel, não com a data de 1833, mas sim a de 1831.

A primeira surpresa levou-me ao reconhecimento de mais alguma das dificuldades que já se me antolhavam inultrapassáveis e, portanto, à impossibilidade de vir a realizar a minha aspiração inicial.

A segunda, estabeleceu no meu espírito a dúvida da existência de datas

diferentes em duas únicas séries conhecidas e isso me levou à decisão de consultar o Eng.º Raul Couvreur com quem eu já tinha trocado outra correspondência, em recurso aos seus ensinamentos.

Assim fiz, e em resposta obtive a informação de que eram efectivamente de 1831 as suas macutas de D. Miguel e que eram muito raras e não conhecia outras mais.

Isto passou-se em Dezembro de 1958 e foi, infelizmente, a penúltima vez que me escreveu sobre assuntos desta natureza, porque a última foi a dizer-me que estava muito doente, ao agradecer os meus cumprimentos de Boas Festas.

Aquando dessa minha visita ao Museu reparei, como já disse, na falta das moedas de Angola e S. Tomé e Príncipe (das datas que continuavam a intrigar-me), pelo que tomei a resolução de tornar a buscá-las em todas as obras e catálogos de colecções e leilões que possuía, agora em maior número, ou seja, quase toda a bibliografia citada na obra do Dr. Pinto Garcia e mais os catálogos de leilões que em grande número posteriormente têm sido publicados. Encontrei, então, no catálogo da preciosa colecção Ferreira Carmo, a série de macutas de D. Miguel com a data de 1831, donde é muito provável ter provindo (através da venda da colecção do Conde de Ameal, cujo catálogo a assinala também), a possuída pelo Eng.º Raul Couvreur. E na obra de A. C. Teixeira de Aragão, «Description des monnaies, médailles et autres objects d'art, concernant l'histoire portugaise du travail» destinada à Exposição de Paris de 1867, encontrei o registo de quase todas as datas das moedas de Angola e S. Tomé e Príncipe que há muito procurava e passo a mencionar.

A N G O L A

D. MARIA I e D. PEDRO III

8 e 2 macutas de 1784 — 6 e 4 macutas de 1785

Meia e 1/4 de macuta de 1784

1/4 de macuta de 1784 c/ carimbo

D. MARIA I

Macuta, meia e 1/4 de macuta de 1796

Macuta e 1/4 de macuta de 1797, c/ carimbo ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ No catálogo da colecção vendida no leilão de Janeiro de 1902 pela Casa Liquidadora, a pág. 46, diz Manuel Joaquim de Campos, seu catalogador e anotador: «durante a época de D. Maria I, viúva, somente no ano de 1789 foram cunhadas moedas em cobre para a África Portuguesa».

S. TOMÉ E PRÍNCIPE

D. JOÃO PRÍNCIPE REGENTE

40 e 20 réis de 1814

D. JOÃO VI

20 réis de 1821

São estas as moedas cujas datas não encontrei em nenhuma das obras e colecções consultadas, a que já me referi, e só as vim ver na dita «Histoire du Travail», de Teixeira de Aragão, onde todas se catalogam.

Ora, como todas as moedas constantes dessa obra faziam parte da colecção do rei D. Luís, que foi integrada na colecção do Museu Numismático, elas lá deviam figurar e é isso que muito estranhamente não sucede, faltando não só essas, mas mais a duma outra data cuja existência é conhecida. Tudo erros na «Histoire du Travail»?

Não quero perder a oportunidade de falar da moeda de 12 macutas de D. Maria I com a data de 1795, também citada na obra do Dr. Pinto Garcia, que só vim a encontrar na colecção Cyro Augusto de Carvalho, mas na corrigenda acrescentada no fim do catálogo vem emendada para 1796. É minha impressão que o lapso de não ter sido notada a correcção deu azo a dar-se como existente a moeda com a data de 1795.

E das moedas de D. João P. R. de macuta e 1/4 de macuta de 1815, e meia macuta de 1816, que ainda não encontrei nenhuma, direi que a última edição dos catálogos Santos Leitão (1962) e Kurt Prober (1960) continuam a ser mudos sobre tais datas e o mesmo sucede a respeito dos 40 e 20 réis de 1814 de D. João P. R. e 20 réis de 1821 de D. João VI, para S. Tomé e Príncipe. Kurt Prober no seu catálogo diz mesmo não existir 1/4 de macuta de 1815 e no seu artigo com o título «As moedas de cobre para S. Tomé e Príncipe», publicado no volume V da «NVMMS», afirma não terem existido as moedas com a data de 1814 e aos 20 réis de 1821 não se refere na tabela que junta ao artigo e o mesmo sucede no «Catálogo da Colecção Numismática Brasileira» de Augusto Sousa Lobo.

É devido a todas as circunstâncias que acima vim apontando que no meu espírito se estabeleceu a dúvida da existência de todos os exemplares de macutas citados, bem como a convicção de não haver as moedas de S. Tomé e Príncipe com as datas de 1814 nos valores de 40 e 20 réis, e a de 1821 no de 20 réis.

Com algumas das moedas de D. Pedro II cunhadas no Porto para a

África Ocidental e que foram das primeiras da espécie metálica que circularam em Angola e mais tarde também no Brasil, somente nos valores de XX e X réis, aconteceu o mesmo. Na obra acima citada do Dr. Pinto Garcia, vêm dadas como existentes os X réis de 1695 e V réis de 1694, que Sousa Lobo, Santos Leitão e Kurt Prober não citam nos seus catálogos e que também não figuram no nosso Museu Numismático.

Para que a dúvida que aponto não se generalize e subsista, será de toda a conveniência que os coleccionadores porventura possuidores de qualquer destes exemplares o manifestem, de forma a ser sabido de todos. Este mesmo princípio devia ser seguido a respeito de qualquer moeda da nossa numária cuja existência tenha sido posta em dúvida, declaradamente, ou pela omissão das suas datas em qualquer dos catálogos Ferraro Vaz ou Batalha Reis.

NOTA — Depois de composto este artigo veio à minha posse a publicação «Numismática de Angola» por Cecilio Meireles e editada pelo Centro de Informação e Turismo de Angola — 1963, por onde vim a saber que o Banco de Angola tem na sua colecção a série de macutas de D. Miguel com a data de 1831.

Também menciona como existente no Museu de Angola, meia macuta de D. José I com a data de 1755!!!.

Olhão, Novembro de 1963

